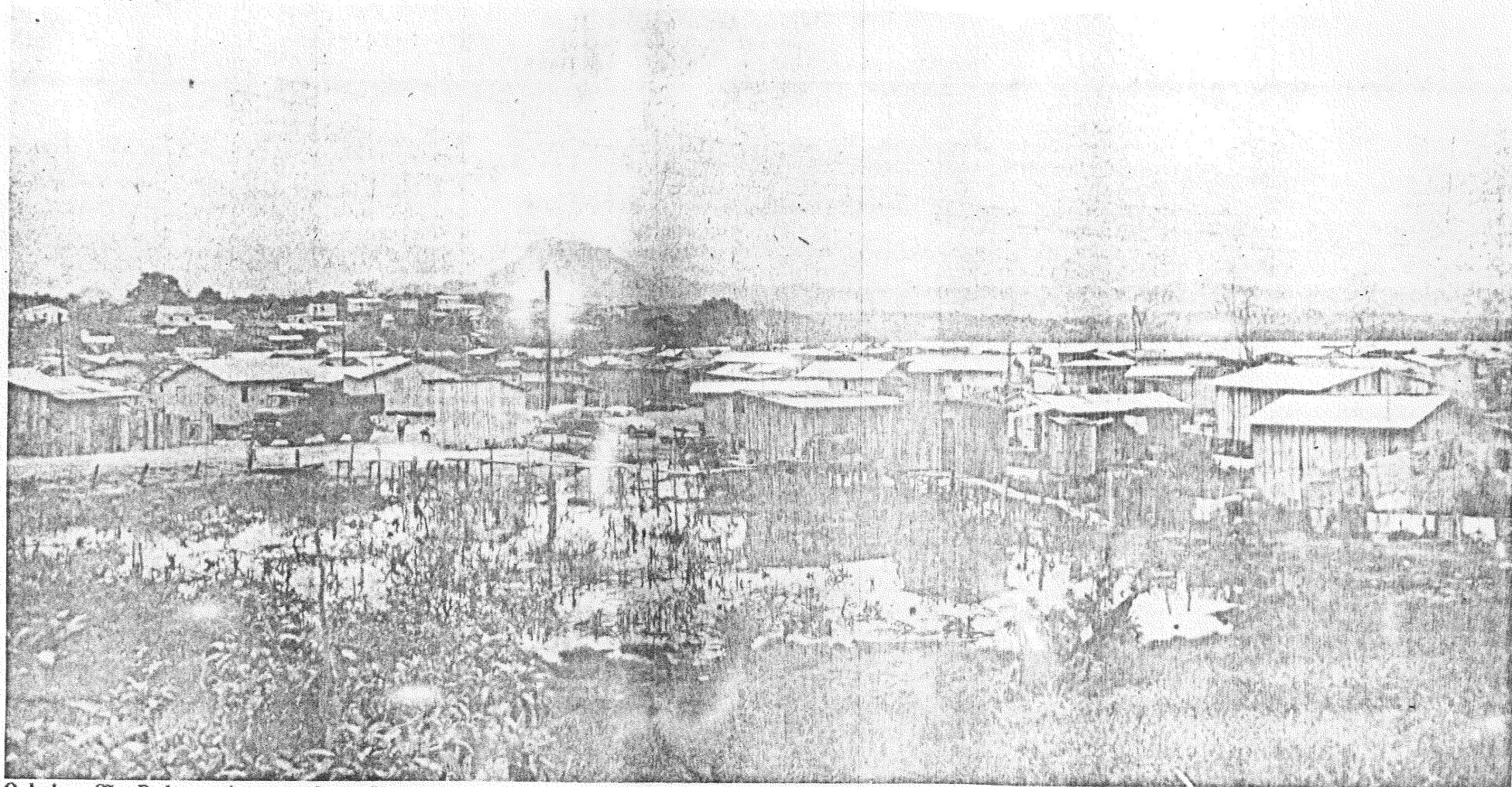


# TRIBUNA DO POVO

Vitória

AJ20073



O bairro São Pedro, cujos moradores Setembrino Pelissari ameaçou despejar, se não for eleito senador

Fotos de Romero Mendonça

## Moradores de São Pedro reclamam de tudo e de todos



Formado quase que exclusivamente por gente de todas as partes do Estado e diversos lugares do país, o bairro de São Pedro, na ilha das Caieiras em Vitória, apresenta todas as características e deficiências de um bairro de periferia. Não tem água, luz e nem esgoto.

Esse bairro, fundado em 1967, surgiu do aterro ao mangue da ilha das Caieiras. O aterro foi feito com lixo e uma camada de terra por cima. "Isto trouxe sérias consequências para o bairro. Desde doenças de pele até verminoses. O local passa hoje por graves problemas sociais", declarou uma professora da única escolinha que existe no lugar.

— Os caminhões jogam lixo no

verminose.

Há casos de se encontrar várias famílias que vieram do Nordeste, totalmente sem consciência do que é e de como enfrentar a vida na cidade grande. Essas pessoas não conseguem se firmar perante a sociedade da metrópole, constituindo sempre a população de periferia, de baixíssimo poder aquisitivo, marginalizados, gerando consequentemente a promiscuidade.

Ana Maria Brozeguini Costa mora há um ano em São Pedro. Trabalha numa quitanda e tem marido motorista de caminhão. Disse: "Acho que aqui não tem nada de bom. Esse mangue é uma coisa terrível. Existe muito mosquito, que provoca



As crianças convivem diariamente com lixo, verminoses, promiscuidade, risco de morte



Maria da Penha da Silva apanha caranguejos, que constituem a base da sua alimentação



Valquíria Rodrigues pega água em poços ou da chuva



Cláudia Regina, uma das professoras, orienta os trabalhos manuais na escola construída pelos moradores de São Pedro

Pedro, na ilha das Caieiras, em Vitória, apresenta todas as características e deficiências de um bairro de periferia. Não tem água, luz e nem esgoto.

Esse bairro, fundado em 1967, surgiu do aterro ao mangue da ilha das Caieiras. O aterro foi feito com lixo e uma camada de terra por cima. "Isto trouxe sérias consequências para o bairro. Desde doenças de pele até verminoses. O local passa hoje por graves problemas sociais", declarou uma professora da única escolinha que existe no lugar.

— Os caminhões jogam lixo no mangue, até hoje. Todos têm autorização da Prefeitura. O pior de tudo é que muitas crianças vão catar o lixo, procurando plásticos, garrafas, papel e até colchão para vender. E, quando encontram alguma coisa de comer, quase sempre eles pegam para levar para casa", disse Rosalina Lopes de Arantes.

Em São Pedro não há escola de 1º grau. Apenas um barraco onde funciona o pré. E, pela manhã e à tarde, seis universitários se revezam no trabalho de ensinar trabalhos manuais, tapeçaria, pintura e artesanato. Há também um estudante de educação física, que dá ginástica para as crianças.

Todo o trabalho que os universitários realizam é feito através de convênio com a Fesbem e Projeto Rondon. Cada um deles recebe Cr\$ 840,00 por mês, e têm, em média, 25 a 30 alunos cada professor. Sônia Maria Ribeiro Cabral, que faz Serviço Social, disse que trabalha lá há algum tempo, e que vem acompanhando de perto os problemas da comunidade.

Cláudia Regina Merçon de Vargas, outra universitária, falou que, além de ensinarem alguns trabalhos às crianças, as professoras já realizaram três ou quatro reuniões com os pais e as mães da comunidade. Afirmou ainda que "a população daqui é muito carente. Nós constatamos que a grande maioria que frequenta nossas aulas vêm aqui por causa da merenda. Na hora da distribuição da merenda, isso aqui enche de criança. E nós distribuimos o alimento para todos.

As professoras notam muita boa vontade das crianças em aprender os trabalhos. "Inclusive, disse Sônia Maria, nós sentimos a grande satisfação das famílias, cada vez que nos mostramos mais dedicadas ao nosso trabalho. O povo daqui é muito esforçado com relação à melhoria do bairro. Eles fizeram um tipo de mutirão para construir essa escola".

À noite a escola funciona com alfabetização de adultos, que foi aberta pelo pessoal que já sabia ler e escrever alguma coisa. Os que estudam, agora, vão receber um diploma em maio do ano que vem, como comprovante de terem cursado, pelo menos, até o quarto ano do primeiro grau", disse uma professora da escola.

O alto grau de marginalização e o índice elevado de xistose constituem, juntamente com a falta de água canalizada, o problema mais importante do bairro. Existe cerca de 10 poços, onde os moradores buscam sua água. Na maioria das vezes, eles não filtram nem fervem o líquido, o que também causa a

como enfrentar a vida na cidade grande. Essas pessoas não conseguem se firmar perante a sociedade da metrópole, constituindo sempre a população de periferia, de baixíssimo poder aquisitivo, marginalizados, gerando consequentemente a promiscuidade.

Ana Maria Brozeguini Costa mora há um ano em São Pedro. Trabalha como guianada e é motorista de caminhão. Disse: "Acho que aqui não tem nada de bom. Esse mangue é uma coisa terrível. Existe muito mosquito, que provoca alergias na maioria das pessoas daqui. Outro problema sério é a falta de policiamento. Frequentemente aqui acontecem agressões absurdas. E eu acho que, na maioria das vezes, essas bagunças acontecem por causas de mulheres".

Prosseguiu dizendo: "Antes de aterrarem aqui — a única parte aterrada são as ruas. Os quarteirões estão todos dentro do mangue — a gente só podia sair de casa quando a maré estava baixa. Caso contrário, se quiséssemos sair, ficávamos todos molhados".

Maria da Penha, que mora na rua Boa Esperança, falou que o grande problema do bairro é a falta de água. Ela estava apanhando caranguejo — que constitui a refeição básica da família — e disse: "Não faz mal não. Nós já estamos acostumados a comer os caranguejos desse mangue". Ela citou também a falta de policiamento. E lembrou: "Na semana passada mesmo, esfaquearam um rapaz bem na outra rua, e nenhuma providência foi tomada".

Ela disse ainda que, no verão, a falta de água não é só nas torneiras das ruas, que estão sempre secas. Mas também nos poços onde os moradores pegam água. E frisou: "Sabe de uma coisa? Pobre vive porque veio ao mundo sem ninguém pedir. Porque, se fôssemos olhar a realidade, seria melhor nem ter nascido".

Dirceu Pereira da Silva, que mora há mais de dois anos no bairro, é vigia de edifício, casado, tem três filhos e disse: "Acho que a Polícia devia andar mais por esses lados. Se é difícil se implantar uma delegacia aqui, que instalem pelo menos alguns telefones públicos, para os casos de urgência.

— A demora do ônibus em passar no ponto, é enorme. Às vezes a gente chega a ficar uma hora e meia esperando. A luz também faz muita falta aqui. Na minha casa eu tenho luz porque puxei um fio da casa de um dos poucos moradores que puderam instalar a energia elétrica. Mas 90% dos moradores daqui vivem no escuro", finalizou Dirceu Pereira da Silva.

Outra moradora do lugar, Maria Helena Barbosa de Araújo, disse o seguinte: "Meu filho de um ano só vive caindo dentro dessa água imunda. Ele sempre está doente. Eu acho que é por causa disso. Todos os meus cinco filhos e as crianças daqui têm coceira e algumas delas xistose. Eu, por exemplo, já tive xistose".

Dona Maria Helena disse que pega água do poço de um vizinho e, quando chove, pega água de chuva. Sobre luz elétrica, ela falou: "Nem poste aqui tem. Posto médico só há na ilha das Caieiras".